

# Discurso de Posse

*Regine Limaverde*

Senhor Presidente  
Srs. Acadêmicos,  
senhoras e Senhores:

Sinto-me profundamente honrada e feliz ao ingressar na Academia Cearense de Letras, a mais antiga Instituição, no gênero, existente no País e que abriga em seus quadros as figuras de mais alta expressão da cultura de nossa terra. Sinto-me feliz, também, porque mulher, consegui a honra de ser eleita para as funções que ocuparei.

Margueritte Yourcenar, ao ingressar na Academia Francesa, falou de sua alegria em, na condição de mulher, ter sido eleita para aquela alta posição. Quem a saudou refutou o fato de que literatura não tem sexo e criticou a afirmação da grande escritora.

Quanto a isso, poderia dizer-vos: minha alegria é maior porque ocuparei um lugar que poucas mulheres já conseguiram no Ceará. Sou a 8ª escritora a ingressar na Academia Cearense de Letras em seus 102 anos de existência. É certo que literatura não tem sexo. É certo, igualmente, que outras amigas, talvez melhores que eu, não tenham tido a minha sorte. Mas espero que muitas venham, também, a ser eleitas, como reconhecimento de seu valor literário, em benefício da própria Instituição .

Estou feliz portanto, como mulher, em ocupar uma cadeira nesta gloriosa Casa de Cultura. É mais ainda por ser recebida por meu dileto amigo, Professor Emérito da Universidade Estadual e da Universidade Federal do Ceará, Príncipe dos Poetas Cearenses e atual presidente da Academia: Artur Eduardo Benevides.

Como se não bastasse, venho ocupar uma cadeira cujo patrono é uma lenda de glória do povo cearense - José de

Alencar, que a nossa querida Rachel de Queiroz considera o pai do romance brasileiro.

Alencar forma, com Machado de Assis, o grande pólo da ficção romanesca nacional, não obstante as diferenças existentes em ambos, do ponto-de-vista temático, lingüístico e estilístico, como resultante da cosmovisão de cada um. Mas a verdade é que só se pode falar em Literatura Brasileira propriamente dita a partir da obra do grande filho do Ceará. Alencar é eterno pela beleza de linguagem, pela dinâmica de seus personagens e pela manifesta intenção do abrasileiramento da sintaxe, sem esquecer a grandeza de seu colorido nacional, sobretudo nas páginas de *O Guarani* e *Iracema*. Não se lhe negue, contudo, o interesse pelo estudo caracterológico dos tipos que lançou, como no caso de *Senhora*, reconhecido pela crítica como obra pioneira na análise psicológica de que Machado se tomaria um mestre inconfundível e irrefutável.

Na verdade, Alencar é um mundo, cheio de encantos e surpresas na reconstrução do tempo, do ser e do espaço, sendo um dos autores que retratam com mais precisão a fisionomia da sociedade imperial no Rio de Janeiro. Sua visão, aliás, se estende por todo o Brasil, desde *O Gaúcho* nas fronteiras do Sul, ao Sertanejo, na região Nordeste, não esquecendo os cenários fluminenses e os dos sertões do Araguaia, valendo destacar, por igual, os perfis femininos e as intrigas da Corte, que ele apreendeu de forma inigualável.

O que mais chama e prende a atenção e encanta no estilo de Alencar é a sua musicalidade. Sonoros e cantantes são aqueles períodos harmoniosos, que trazem e despertam em nós a poesia e a alma do Brasil. Agripino Grieco reforça o lado poético de Alencar quando afirma: "Alencar tem a poesia, o entusiasmo dos adolescentes e das raparigas enamoradas e, com ou sem música de Carlos (referindo-se a Carlos Gomes que musicou *O Guarani*), vale em si mesmo, na mais deliciosa música, na mais rica pintura de sílabas com que um homem de prosa e um homem de tinteiro envergonhou os nosso alinhadores de estrofes e os nossos manejaadores de pincel"!!!.

A sua literatura parece, em alguns momentos, uma grande sinfonia, o que levou, sem dúvida, Carlos Gomes a se inspirar nas páginas de *O Guarani*. No inesquecível escritor cearense o espírito romântico engrandece o ser humano e a paisagem, como conseqüência natural de sua mundividência, evocando igualmente os bailes, os salões, as intrigas e as carruagens de outrora, num tempo mais humano, pacífico e fraterno.

Em todos os momentos, ele é um romancista de grande potencial criador, a explorar todas as perspectivas e os amplos horizontes da estética romântica. Em resumo, é a mais alta glória do Ceará e um dos nomes de maior dimensão da Literatura Brasileira, em todos os tempos. Tê-lo como patrono, na cadeira que passo a ocupar nesta augusta Academia, é uma grande responsabilidade.

Senhores:

Relembro agora, com respeito, os meus antecessores. Justiniano de Serpa foi o primeiro ocupante da cadeira 21. Formado pela Faculdade de Direito do Recife era um “abolicionista extremado”, segundo Raimundo Menezes. Jornalista, advogado e educador, foi deputado à Constituinte e reconhecido como orador, sendo eleito em quatro legislaturas seguidas. Foi um dos fundadores da Academia Cearense de Letras, em 1894. No governo de Epitácio Pessoa, em disputada concorrência viu-se eleito Presidente do Estado do Ceará, vindo a falecer em meio ao seu mandato. Autor de livros como, *O Poeta e a Virgem*; *Oscilações* (poesia); *Três Liras*, em parceria com Antônio Bezerra de Menezes e Antônio Martins; e *Sombras e Clarões*. Publicou trabalhos de Crítica, Educação e Direito. Era educador e um homem de muita influência nos meios culturais de nossa cidade, no século passado.

Na linha de sucessão, Antônio Sales foi o 2º intelectual a ocupar a cadeira nº 21. O conhecido romancista autor de *Aves de arribação*, nasceu em 1868 e faleceu em 1940. Publicou o seu romance em folhetins, no jornal “Correio da Manhã”, do Rio de Janeiro. Segundo Sânzio de Azevedo “trata-se de um romance realista, tendo como única identificação com o folhetim o fato de

haver sido publicado parceladamente, no rodapé de um jornal". Sobre a mesma obra de Sales, Raquel de Queiroz afirma: "o romance *Aves de Arribação* além do lugar muito especial que merece na literatura brasileira, pala sua alta categoria, tem uma originalidade, em se tratando de romance nordestino, cearense. É um livro que, passado todo no interior do Ceará, não diz uma palavra sobre seca!".

Posteriormente, o poeta Filgueiras Lima assumiu o mesmo lugar na Academia. Quantas recordações tenho do poeta! Suas poesias, que declamei ( no meu tempo era declamar e não fazer uma performance, como hoje se diz) eram ensaiadas, juntamente com a profa. Conceição Weyne, de quem guardo boas lembranças. Declamei, no Teatro José de Alencar, "Fortaleza" e "Língua Nacional". Dessa última lembro-me de um dia em que minha mãe me levou ao Colégio Lourenço Filho, para que o poeta me ouvisse, e me ensinasse a canção de seus versos.

"Língua dos canoieiros e seringueiros da Amazônia,  
florindo em sonoros vocábulos indígenas,  
cantando na insistência das vogais:  
uirá...pororoca...uirapuru...

Deveria declamar essa poesia no programa do dia 7 de Setembro que o saudoso Dr. Edilson Brasil Soárez organizava na PRE9. Os estudantes que ele escolhia se apresentavam no programa, ora executando peças patrióticas ao piano, ora lendo trabalhos ou declamando versos relacionados com a data. Durante o tempo em que estudei no colégio, 1958 e 1959, sempre fui escalada para declamar no dia 7 de Setembro. E escolhia poesias do poeta Filgueiras Lima, pela delicadeza de seus versos, pelo sentido patriótico de suas palavras e pela simplicidade no seu escrever. Mais tarde, estudei no Colégio Lourenço Filho, onde o Dr. José Alves Fernandes foi meu professor e gracejo ao dizer, que ele é o responsável por minha vocação para escritora. Devo muito, em termos de formação, a esses dois grandes colégios, nos quais tive o privilégio de estudar.

Por ordem de sucessão, o 4º literato a assumir a cadeira que tem como patrono José de Alencar foi o historiador, meu amigo e parente Raimundo Girão. A vida nos causa grandes surpresas! Meu pai, mais chegado ao Girão, foi visitá-lo um dia antes de sua morte. Ele, quase sussurrando, perguntou ao papai - “e a nossa poetisa, como vai?”

Raimundo Girão marcou minha vida intelectual e afetivamente. Quantas vezes, em criança, visitei sua casa no Passaré! Quantos segredos de adolescente escondi nas matas de bacuri, em frente à sua casa! Quantas vezes (não sei), mergulhei nas águas da lagoa do Passaré. Fecho os olhos e sinto o gosto salobro dessas águas que acariciaram meu corpo de menina-moça.

Quando ainda iniciante nas letras, fui citada em seu *Dicionário da Literatura Cearense*. Na época fiquei muito orgulhosa. E agora digo: Girão, mal você sabia que, anos após sua morte, eu teria a honra de ocupar a mesma cadeira que você ocupara. Tornamo-nos assim mais íntimos do que jamais o fomos.

Sucedo agora ao inesquecível colega Osmundo Pontes, cuja morte enlutou as nossas letras e, principalmente, a Instituição que nos congrega, onde ele exerceu importantes funções, integrando, por vários mandatos, a diretoria. Oportuno é ressaltar que nas festas do Centenário, lideradas com grande brilho por Artur Eduardo Benevides, foi inaugurada aqui, no Palácio da Luz a *Galeria Osmundo Pontes*, com quinze quadros assinados pela famosa pintora espanhola Angeline Oleas e doados pelo escritor à Casa. Antes de falecer, o meu ilustre antecessor criou, em caráter permanente, guardando fidelidade à sua imortalidade, um Prêmio Literário que leva seu nome e servirá para estimular os poetas e escritores do Ceará.

Osmundo Pontes foi um homem de imprensa, um defensor da Justiça e um intelectual dos mais distintos, exercitando-se literariamente no gênero crônicas de viagens, que encontra similaridade, em Portugal, na obra de João de Barros e de Fernão Mendes Pinto. Portugal, aliás, mereceu sua especial atenção, talvez por ser o país de pessoas mais educadas do mundo, segundo Lord

Carnavon, e por sua beleza natural e poética. À terra de Camões e de Fernando Pessoa dedicou dois livros: *Portugal e outras Pátrias*; e *Portugal dos meus amores*. Escreveu também sobre a China, com ricas impressões de viagem, todas da maior importância, estudando uma das mais antigas civilizações do mundo.

Osmundo nasceu em Rio Purus, no Amazonas, no dia 4 de novembro de 1920. Veio ainda criança para o Ceará, onde fez o curso primário no Grupo Escolar José de Alencar, o secundário no Colégio Castelo Branco e o pré-universitário no Liceu, tendo ingressado posteriormente na Faculdade de Direito do Ceará onde se bacharelou em 1945. Jornalista, fundou e dirigiu a *Revista Contemporânea* (1939-1969) e o jornal *Diário da Tarde*. Foi colaborador do Correio do Ceará, do jornal *O Dia* de Teresina e do Jornal *O Povo* de Fortaleza. Foi presidente por 3 vezes do Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região, onde exercia o cargo de juiz. Era membro da academia Maranhense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da Academia de Estudos e Letras de Sobral, sendo sócio da Sociedade Brasileira de Direito Internacional e do Instituto Latino-Americano de Derecho do Trabajo. Dentre os títulos e condecorações que recebeu destacam-se os seguintes: Oficial da Ordem do Mérito Judiciário, pelo Tribunal Superior do Trabalho; Amigo da Marinha - diploma da Marinha do Brasil e a Medalha da Ordem de Benemerência (no grau de Comendador conferida pelo Presidente da República de Portugal.

Osmundo Pontes era membro efetivo da Academia de Retórica, da qual foi Presidente por mais de uma vez. Pertenceu também ao Conselho Estadual de Cultura onde prestou excelente colaboração, graças ao seu prestígio pessoal e aos seus dotes de espírito.

Suas crônicas eram famosas pelas citações carinhosas à sua querida Cibele, no contar de suas viagens freqüentes ao exterior, quando chegou a visitar mais de uma centena de países!

Sr. Presidente

Senhoras e Senhores Acadêmicos:

Desde criança a poesia morou em mim. Sou nascida no dia do centenário de nascimento de Castro Alves, hoje, Dia Nacional da Poesia. Os astros predestinaram-me um futuro poético à imitação do meu famoso companheiro de data de nascimento.

Fui artesã de versos muito cedo, favorecida por herança genética - meu tio-avô Mário, chamado Mário de Andrade ( do Norte), poeta, foi um dos iniciadores do movimento modernista, no Ceará.

Sempre gostei de ler. Entrei no Colégio Christus já alfabetizada, aos 6 anos de idade. Meu pai foi um grande incentivador na minha vida intelectual, desde as primeiras letras, que me ensinou, quando ainda não havia entrado em cursos formais. Assim, matricularam-me no Christus, no 1º ano A. Com dois dias de aula, a professora me chamou à frente da sala, abriu um texto da História Sagrada e me pediu que o lesse. Por minha correta leitura, fui promovida ao 1º ano B. Estudei no Christus até a 4ª série ginásial, sendo oradora da turma de 1962. Se no português fui incentivada pelos diretores do Colégio 7 de Setembro e Lourenço Filho, no Inglês o fui pelo Dr. Roberto de Carvalho Rocha, diretor muito querido do Colégio Christus.

De minha mãe herdei o gosto pela leitura e pela música. Sempre gostamos de livros volumosos, pois demorávamos mais a lê-los. Também dela herdei a mania de reler os livros de que mais gostara. Sparkenbroke , de Charles Morgan, li 6 ou 7 vezes. A história, como todos sabem, narra a vida de um nobre e poeta, Lord Sparkenbroke. Lembro versos que me impressionaram fortemente:

“Algun mortal , em meio à humana lida,  
Lamenta acaso quem aqui repousa?  
Chora o teu próprio exílio e não a minha vida!  
Com a terra por mãe , o sono por esposa  
Ó frios ventos hibernais , correi!

Que a primavera aqui tem imortal guarida  
Quem é que hesita ? Um imbecil. Quem bate? O Rei”

Gosto de esquecer que Mary, a personagem por quem o Lord se apaixona, não aceita seu convite de fuga. E ao esquecer recomeço a leitura do agradável romance, traduzido belamente por Mário Quintana, com a mesma curiosidade da primeira vez.

Schopenhauer, em *Über Lesen und Bücher*, diz: “Repetitio est mater studiorum”. Todo livro minimamente importante deveria ser lido de imediato duas vezes , em parte porque, na segunda, compreendemos melhor as coisas em seu conjunto e só entendemos bem o começo quando conhecemos o fim; em parte porque , para todos os efeitos , na segunda vez abordamos cada passagem com um ânimo e estado de espírito diferentes do que tínhamos na primeira , o que resulta em uma impressão diferente e é como se olhássemos um objeto sob outra luz.”

Outra mania: ler em uma determinada época um só autor: assim fiz com Machado de Assis, José de Alencar, Rachel de Queiroz, Josué Montello, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, Lya Luft, Clarice Lispector, Heloneida Studart.

Dos autores estrangeiros, dentre muitos, aprecio Aldous Huxley, Albert Camus, Anatole France, Hermann Hesse, D.H. Lawrence, Charles Morgan, Anaïs Nin, Lou Andreas Salumé, Marguerite Duras, Gabriel Garcia Márquez.

Na poesia, ah! na poesia fui leitora compulsiva de Neruda, Rilke, Fernando Pessoa, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Bilac. Deste último citaria um trecho do poema “Tercetos” que sempre peço ao meu querido amigo João Clímaco Bezerra, fino recitador de Bilac, para dizer:

“Noite ainda, quando ela me pedia  
Entre dois beijos que me fosse embora,  
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

“Espera ao menos que desponte a aurora!  
Tua alcova é cheirosa como um ninho...  
e olha que escuridão há lá por fora!”



Bilac me fez sonhar em meus tempos de menina, moça, e de mulher. Cantou a paixão com força e luz. E a paixão é a mola da vida. É a inspiradora das artes plásticas, da música, da literatura, responsável pela morte e pelo sonho, pela guerra e pela paz, sendo síntese e caminho da alma.

Kháyyám, o grande poeta persa, nascido em 1040, assim fala da paixão:

“Como é vil  
o coração que,  
incapaz de amar não pode  
conhecer o delírio da  
paixão!...  
Se não amas és indigno  
do sol que te ilumina  
da lua que te consola”.

O erro do leitor é o confundir a obra com o criador, o escrito com o escritor, pois Nietzsche já dizia: “uma coisa sou eu, outra são os meus escritos”. A verdade do escritor existe naquele instante, de uma maneira selvagem que atravessa a mente e o corpo e é perpetuada no papel. Ainda de Nietzsche citaria: “todas as minhas verdades são, para mim, verdades sangrentas!!” E como o são! O poeta sangra quando joga a sua verdade no papel e ao mesmo tempo dá vida e luz à palavra. Emily Dickinso, a grande poetisa norte-americana desaparecida em 1886, há 110 anos portanto, escreveu:

“A word is dead  
when it is said,  
some day.  
I say it just  
Begins to live  
that day”.

Explicações para a poesia, muitas há:

Verlaine, simboliza, assim se expressou: “De la musique avant toute chose:”

Novalis: “Die Poesie ist das Echt  
Absolut Reelle. Dies ist der Kern  
meiner Philosophie  
Je Poetischer, Je Wahrer”

Repito o que Fernando Pessoa dizia : “Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: *Navegar é preciso, viver não é preciso*. Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou : Viver não é necessário, o que é necessário é criar”.

E criar, falar, sentir o que em mim é verdade, o que nos outros é verdade, transformar essa verdade em textos e deixá-los para meus filhos, meus amigos, é o meu desejo. Porque um dia partirei mas o meu escrito ficará e as pessoas saberão que eu, mulher, cientista, escritora, poetisa, fui uma lutadora e deixei na minha ciência, nos meus contos, na minha poesia, a real história do meu tempo. Sobre “a memória feminina”, Nélida Piñon declarou: “a mulher não pôde se abeberar diretamente da memória histórica, não pôde ser, por exemplo, Júlio César. Mas estive na tenda dele. Assim, tinha o que os outros lhe contavam ( e quem conta dilapida o que sabe), uma memória que se enriqueceu com a solidão. Essa mulher, artista, sempre fez esforços criativos para complementar as carências de sua memória. Pintava, costurava, escrevia receitas elaboradíssimas e quase cegava para contar, bordar, costurar. E era vidente porque ficava cega. Essa memória da mulher é fascinante. A mulher tem toda a cultura dos homens mais essa memória secreta, herdada pelo fato de ter sido alguém que sempre estive no salão, no cantinho da sala, porque não lhe deixavam ficar no centro”.

Tempos hão de vir em que a mulher mais e mais conquistará a ciência, dividirá com o homem o poder, o governo das sociedades. Esse tempo, por certo, será o cantado por Chico Buarque, “ da delicadeza “. Por isso, o amor, o sentimento e a palavra do poeta são eternos. H. F. Peters, biógrafo de Lou Andreas Salomé, disse e tomo minhas, suas palavras: “A vida humana, na verdade, toda a vida é poesia. Nós a vivemos inconscientemente, dia a dia, fragmento a fragmento, mas na sua totalidade ela nos vive”.

Com essas palavras vos digo: a imortalidade para mim não é somente o ocupar uma cadeira nesta Academia, mas também o perpetuar-me nos meus filhos: Ivna, Dax e Gustavo, gerados do amor que tenho ao meu marido, incentivador da minha arte e da minha ciência e motivo maior da minha poesia - meu amado Gustavo.

Senhoras e Senhores:

Cumpre-me, por fim, manifestar sincero reconhecimento a todos aqueles que acreditaram em mim, ou me deram estímulos e esperanças ao longo de minha vida.

Reitero meu agradecimento ao nobre Presidente desta Instituição criada pelo Barão de Studart e por Justiniano de Serpa - o poeta Artur Eduardo Benevides, que proferiu, em nome de todos, a bela oração com que me recebeu, com afeto e amizade com que sempre me distinguiu.

Agradeço aos Srs. Acadêmicos a confiança que manifestaram em mim, sufragando o meu nome de forma tão expressiva e confortadora, o que me envaidece profundamente.

Aos amigos que aqui compareceram - e os amigos são minha riqueza em vida - agradeço tudo, tudo que tenho recebido em termos de carinho e de afeição.

Estou muito feliz. E asseguro aos ilustres Colegas o meu propósito de colaborar de todas as formas com a Academia, por onde já passaram tantos luminares da poesia, da ficção e do ensaio, engrandecendo, com sua obra, a Literatura Cearense.

Não poderei esquecer jamais a vossa presença, vossa atenção e o vosso carinho, nesta noite.

Muito obrigada!